

Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre V.15 NÚMERO 02 NOVEMBRO 2011



Psicanálise e criatividade um par ímpar

A instigante polissemia da frase "Psicanálise e criatividade: um par ímpar" que abre nosso jornal é também meu ponto de partida para apresentá-lo.

O processo criativo é a vocação essencial do trabalho psicanalítico. Na base de cada intervenção do analista junto ao seu paciente está o propósito de criar um espaço para um novo possível. Pode ser na ordem da via de levare, como propunha Freud ao tratamento da neurose, metaforizado na revelação da humanidade oculta na rocha. Entretanto, também pode ser na dimensão da via de porre, resgatada como o caminho da inauguração de uma experiência emocional que possa atestar o começo de uma sensação de existência. Ainda brincando com os sentidos da frase, me remeto a "par", como par analítico. Evoco imediatamente a Ogden, que descreve a condição da criatividade na intersubjetividade do processo analítico, na qual analista e analisando, na qualidade de sujeitos da análise, criam-se mutuamente. Este sempre é um encontro ímpar, já que desta relação dialética surge um terceiro termo, que vive na tensão entre a afirmação e a negação dos outros dois.

Portanto, a dimensão criadora da análise já se dá na sua própria conformação, na intersubjetividade do enquadre no qual o par se cria. Numa reconstituição aberta ao futuro, a intersubjetividade que deu vigência psíquica ao sujeito, a partir do vínculo pais-bebê, se revigora na análise para recriar destinos, reendereçar desejos, ou para criar o que não foi criado.

Foi pensando nesta fundamental articulação entre criatividade e psicanálise que a comissão editorial propôs este tema e buscou quatro contribuições de grande envergadura para tratá-lo.

Henrique Honigsztejn, autor de "A Psicolo-

gia da Criação" concedeu-nos uma entrevista (por questões de espaço suprimimos as perguntas e lhe demos um formato de texto) na qual, com erudição e lirismo, lança luz sobre a dinâmica intrapsíquica da criação. A partir do conceito de *holding* (Winnicott), estabelece o que chama de núcleo rítmico, forma pela qual entende o funcionamento do *self* dos criadores.

Maria Cristina Melgar, psicanalista argentina (APA), em sua forma poética de expressar-se, nos encanta com o artigo "O luto e a criação", no qual aborda a dimensão criativa do luto, a partir dos processos de estetização das recordações do objeto, para manter intensa a relação perdida.

Com humor e criatividade, José Luiz Petrucci nos dá um depoimento sobre seus dois encontros com o famoso Bispo do Rosário, artista plástico genial, conhecido internacionalmente e paciente psicótico crônico, internado até sua morte. Uma bela história.

Júlio Campos, com seu profundo e sistemático estudo sobre a criação artística, a partir da biografia dos grandes criadores, compartilha conosco suas descobertas e o que o levou a interessar-se por este surpreendentemente pouco estudado assunto

Creio que vale também uma menção sobre a ilustração da capa deste jornal. A dificuldade de sintetizar em uma imagem os dois tópicos do tema, psicanálise e criatividade, mantinha apreensivos aos integrantes da comissão editorial. Até que fomos salvos pelo envio, pela internet, das pinturas de Victor Molev, excepcional artista russo contemporâneo, que intervém nos retratos de pessoas famosas, criando uma cena no interior do rosto, que gera aquela sempre inacreditável ilusão figura e fundo. Ao amigo querido que inad-

vertidamente me enviou essas belezas, John McClymont, talvez atendendo a um misterioso chamado telepático de uma comissão editorial em apuros, muito obrigada! Mas a história não termina aí... Temerosos de algum problema com os direitos autorais, escrevemos ao artista russo, pedindo sua licença para imprimir sua obra como capa do jornal. A resposta foi tão cativante como suas pinturas: não apenas autorizou prontamente, como nos pediu que lhe enviássemos um volume da publicação! Este mundo pós-modemo também tem coisas maravilhosas!

Tenho que mencionar outra marca importante deste jornal: é o último desta gestão e, portanto, desta comissão editorial.

Confesso que nossos encontros, embalados pelo entusiasmo criativo de brincar com as ideias, com as palavras, com as idiossincrasias de cada um e ludicamente ir produzindo um jornal significaram um abastecimento estético na minha vida que deixará saudades. Nossos quatro exemplares temáticos: Os 100 anos da IPA, O Narcisismo, O conceito de Normalidade hoje e nosso caçula Criatividade e Psicanálise trazem o carimbo do nosso encontro e da nossa forma de ler, entender, interpretar e expressar o movimento da Brasileira. Aos colegas Adriana Loiferman, Celso Gutfreind e Rodrigo Boettcher, a Helena Mello, nossa jornalista e Ananda Feix, nossa bibliotecária, muito obrigada. Também agradeço aos autores pelos belíssimos artigos. A todos que participaram desta publicação, à diretoria e secretaria, pelo apoio, muito obrigada.

Aos leitores, uma leitura criativa!

Helena Surreaux.

Brasileira

Jornal da Brasileira Órgão de Divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, fundada em 1992. Rua Quintino Bocaiuva, 1362 CEP 90440-050 - Porto Alegre - RS - Brasil Tel./Fax 55 51 3330-3845 | 3333-6857 www.sbpdepa.org.br | sbpdepa@sbpdepa.org.br

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da SBPPA, estando, portanto, sob responsabilidade de seus autores.

DIRETORIA

Presidente: Dr. Gley Silva de Pacheco Costa Secretário: Dr. José Luiz Freda Petrucci Tesoureiro: Dra. Heloísa Poester Fetter Comissão Científica: Dr. Marco Aurélio Crespo Albuquerque Comissão de Comunicação:

Dra. Helena Surreaux

Comissão de Relações com a Comunidade: Dr. José Ricardo Pinto de Abreu Comissão do Centro de Atendimento Psicanalítico: Dra. Caroline Milman Membro Honorário: Dr. David Zimmermann

INSTITUTO DE PSICANÁLISE

Diretor: Dr. Júlio Campos Secretário: Dr. Fernando Linei Kunzler Subcomissão de Formação: Dr. Gildo Katz Subcomissão de Seminários: Dr. Ignácio Alves Paim Filho Subcomissão da Infância e Adolescência: Dra. Vera Maria Homrich Pereira de Mello

NÚCLEOS

Núcleo de Infância e Adolescência Dra. Mayra Dornelles Lorenzoni Núcleo de Vínculos e Transmissão Geracional Dra. Denise Zimpek Pereira Núcleo Psicanalítico de Florianópolis Dr. Márcio José Dal-Bó

JORNAL DA BRASILEIRA

Tiragem: 500 exemplares

Editor: Dra. Helena Surreaux
Conselho Editorial: Dra. Adriana Loiferman,
Dr. Celso Gutfreind, Dr. Rodrigo Boettcher
Jornalista Responsável e Editoração:
Helena Mello
Revisão: Antônio Falcetta
Projeto Gráfico: Paola Bulcão Manica
Assistente Editorial: Ananda Feix Vilanova
Secretárias: Bruna Fontela e Micaela Wünsch
Execução Gráfica: Agetra

Nossa primeira iniciativa na Diretoria de comunicação, que abarca todas as mídias da Sociedade, foi empreender um *upgrade* na informática, incluindo uma reforma do *site* para torná-lo mais completo e eficiente e agilizar o trabalho da secretaria, melhorar a comunicação interna e externa e prover o devido suporte técnico ao visível crescimento da Brasileira. O seu novo sistema de gerenciamento permite aos visitantes o cadastramento para receber nossa *newsletter*. Esse informativo é configurado pelas secretárias e enviado, automaticamente, deixando muito mais rápida transmissão das divulgações. Além disso, o sistema acadêmico permite aos membros da SBPdePA acompanhar os seminários cursados e formulários entregues ou pendentes. Ainda está em processo de implementação o sistema financeiro.

Para suportar essa automatização foi necessária a aquisição de novos equipamentos. Foi implementado, ainda, o novo sistema da biblioteca, permitindo agora o controle dos livros por código de barras. A Revista também passou por mudanças: tornou-se temática. Isso possibilita que, além de fazer um registro histórico do movimento psicanalítico dentro e fora da Instituição, seja uma fonte de consulta mais eficiente para o leitor. Lançamos, durante a gestão, quatro volumes nos seguintes temas: Os cem anos da IPA, O Narcisismo, A Psicanálise de crianças e Adolescentes e Vínculos precoces, todos eles buscando um diálogo e uma consonância com o momento e as demandas da Brasileira. Tivemos a oportunidade de realizar atividades de lançamento desses números com videoconferências via Skype, cujos convidados eram autores daquela edição, residentes em outras latitudes. A primeira atividade foi com Victor Guerra, discutindo com Ane Marlise Port Rodrigues (também autora) e Vera Mello; a segunda foi com Luis Kancyper, debatendo com Ana Rosa Trachtenberg e a terceira será realizada na ocasião de lançamento de nosso último volume Vínculos Precoces e deste número do jornal, durante a IX jornada da Brasileira. O convidado é Bernard Golse (França), sendo discutido por Victor Guerra e Celso Gutfreind, todos autores dessa edição da Revista.

Além disso, incluímos nos dois últimos números a seção *Emergências*, que dá espaço aos temas mais candentes do momento e pousa sobre eles o olhar da psicanálise. O primeiro foi *Bullying* e o segundo, *Violência infantil*. Ainda em relação à Revista, gostaria de mencionar a composição de um regimento, pensado para facilitar o trabalho das futuras comissões, criando um saber acumulado sobre o funcionamento do trabalho editorial. Apresentamos ainda quatro edições do jornal da Brasileira, já mencionadas neste editorial.

Por fim, gostaria de agradecer essa oportunidade de realizar, junto aos grupos editoriais, um trabalho tão estimulante de nossa capacidade criativa. Pude gozar de um agradável sentimento de pertencimento e de inserção na Instituição e viver com muito entusiasmo a participação em diferentes âmbitos da mesma. Um agradecimento especial aos colegas com os quais convivi nas diferentes comissões: Carmen M. Moussalle, Carmen S. Willrich, Carmem A. Escosteguy e Rosa S. Squeff, da Revista. Adriana Loiferman, Celso Gutfreind e Rodrigo Boettcher do Jornal e Luciana S. Schmall (site) e Paula Sarmento Leite (biblioteca). Um tributo especial à Ananda Feix, por sua participação eficiente, dedicada e carinhosa e a toda a secretaria (Bruna, Fernanda, Micaela, Helena e Adir), principalmente na figura da Eli, com sua competência, bom humor e capacidade de liderança. O apoio dos colegas de Diretoria foi fundamental, meu obrigada a Gley Costa, José Luiz Petrucci, Marco Aurélio Albuquerque, Caroline Milman, Heloísa Fetter e José Ricardo Abreu.

Helena Surreaux

O Adolescente Revisitado

Já sem pai nem mãe, hoje encarei meus guardados. Caixas secas desorganizadas cheias de perdidos e vazios e quem olhasse de longe via mais morte que vida, não eram arquivos, era real, quem tocava sentia frio e calor, uma tristeza enfim e eu chorava. Mas. eu podia contá-los não como quem numera, mede ou classifica e sim como quem, na desmedida, conta a história verdadeira do que achou e perdeu. Era tudo vivo. era tudo ardente, era tudo meu. Agora eu já podia deixar ali que eu levava comigo. Se bobeasse, mas eu não bobeava, até mãe e pai estavam vivos naquela falta sem abandono.

Então chorei de novo, mas não como um cão sem dono.

Celso Gutfreind

Movimentos

Membro Titular que se tornou Didata: Helena Surreaux

> Membro Associado promovido a Titular: Ignácio Alves Paim Filho

Membros do Instituto que concluíram a formação teórica em 2011

Primeiro semestre: Katya de Azevedo Araújo Renata Viola Vives

Segundo semestre: Cibele Formel Couto Fleck Paula Esteves Daudt Sarmento Leite Rafael Trierweiler Klein

Membro que ingressou no Instituto: Magda Regina Barbieri Walz

Uma época de troca e colaboração

Encaminhamo-nos para o final do ano e, sobretudo, para o final da gestão dessa Diretoria e estamos muito satisfeitos com o que conseguimos realizar. Com efeito, mantivemos e ampliamos a cada semestre o leque de atividades que temos oferecido aos estudantes e profissionais das áreas afins à psicanálise. Desse modo, funcionaram regularmente inúmeros grupos de estudo e seminários clínicos, reunindo semanalmente cerca de 50 participantes, distribuídos em dez grupos de trabalho. Os temas escolhidos para estudos agradaram plenamente aos participantes e refletiram o elevado nível de atualização e interesse científico dos membros da nossa Sociedade. As reuniões se desenvolveram, e se desenvolvem, até o final do ano, em atmosfera de agradável troca científica e de amizade. Quanto aos cinesfóruns, tradicionalmente doisporsemestre, após a projeção dos filmes, tivemos debates vivos que enriqueceram os espectadores que se mostram, ao final de cada encontro, interessados em retornar ao próximo. Com relação às nossas atividades com a UniRitter, instituição com a qual mantemos um termo de colaboração técnico-científico consubstanciado principalmente, pelo Curso de Especialização: Psicanálise e Educação, prosseguimos com a 2ªturma, agora em fase de conclusão. Temos certeza de que esse conjunto de atividades que mantemos de modo ininterrupto há sete anos tem cumulativamente contribuído para aproximar de nossa Sociedade pessoas e instituições que podem somar ao nosso trabalho como psicanalistas. Criamos um programa que tem encontrado muito boa receptividade. Ainda no início dessa gestão, recebemos da IPA o auxílio em dinheiro por termos conquistado o apoio de um programa de incentivo (DPPT), e com isso figuramos no rol das sociedades psicanalíticas que foram agraciadas por terem projetos similares. Não vamos nos estender, mas, quem quiser, encontra um resumo histórico do que temos realizado em nosso site da sociedade. Resta-nos apresentar publicamente o agradecimento aos nossos associados, que sempre acolheram o programa "SBPdePA com a Comunidade" com carinho e simpatia, e à equipe de trabalho constituída por Denise Zimpek Pereira, João Luiz Costa Ribeiro, Jussara Körbes, Laura Ward da Rosa e Rosa Beatriz Santoro Squeff. Sabemos que muito mais ainda poderá ser realizado e aprimorado, e essa tarefa será me-lhor enfrentada pelos colegas que nos sucederem.

José Ricardo P. de Abreu Coordenador

Encontros geram debates e confraternização

No mês de julho, realizamos um encontro preparatório ao Congresso da FEBRAPSI, que contou com a participação do Dr. Leonardo Francischelli na explanação de suas ideias e de um número considerável de membros da Sociedade. O encontro culminou com uma deliciosa feijoada de integração. Recentemente, um grupo de colegas esteve no Congresso da FEBRAPSI apresentando trabalhos. Estiveram presentes: Dra. Christiane Paixão, Dra. Kellen Anchieta e Dra. Tamara Ferreira. Estamos agora trabalhando no encontro de candidatos que reunirá as três sociedades do RS, em abril de 2012, com o Dr. Leopold Nosek, presidente da FEPAL. No evento, teremos a oportunidade de debater sobre a formação psicanalítica e suas vicissitudes. Esse encontro começou a ser gerado em Montevidéu, em maio desse ano, quando as colegas Christiane Paixão e Renata Vives estiveram pessoalmente com o Dr. Nosek, que mostrou-se muito disponível a debater o assunto. Também gostaríamos de cumprimentar, nesse momento, nossas colegas Katya Araújo e Renata Vives, que concluíram os seminários em julho de 2011.

Christiane Paixão Presidente

Grupo Espaço Potencial

Visita de Victor Guerra e homenagens

O Espaço Potencial teve a honra de receber, no dia 17 de junho, a visita ilustre do Dr. Victor Guerra, nosso convidado deste ano para debater o assunto que o grupo elegeu para estudo, no caso de 2011, a Psicossomática. Realizado no consultório do colega Paulo Picarelli Ferreira, o encontro foi especial e produtivo. Nosso convidado nos brindou com seus recentes estudos sobre o "falso self motriz e sua relação com a hiperatividade". No 2.º semestre houve um avanço do grupo no estudo da Psicossomática, entrelaçando a obra de D. Winnicott e Joyce McDougall. Como uma homenagem póstuma a Joyce, preparamos um trabalho para a IX Jornada da SBPdePA, baseado num caso clínico publicado recentemente pela autora (e traduzido do inglês pela colega Ester Litvin). Por fim, anunciamos o ingresso da colega Fátima Fedrizzi, que se integrou rapidamente ao clima e ao ritmo do grupo. Permanecemos com os encontros semanais às sextas-feiras, 15h15min.

Eliane Nogueira Coordenadora

Desvios sexuais na infância e na adolescência são tema de discussão

O II Ciclo "Pensando com o NIA – Debates Psicanalíticos" desenvolveu sua 2ª atividade do ano em 18 de junho: "Precisamos falar sobre os desvios sexuais na Infância e na Adolescência", com a participação dos psicanalistas Dra. Ângela Piva e Dr. Roberto Graña, que dividiram com os colegas seu saber e sua experiência. Roberto Graña introduziu a discussão a partir da exposição de imagens de um caso de pré-transexualismo infantil em uma menina de quatro anos e meio, que se tomou de domínio público por manifestar-se estridentemente aos dois anos (época em que o diagnóstico pode ser feito com maior segurança). Trata-se da primeira filha biológica do casal Jolie-Pitt quando do nascimento de seus irmãos gêmeos. Realçou que nunca se poderá subestimar a potencialidade traumática, para uma criança de pouca idade, do nascimento de um irmão. Os TIG (Transtorno de Identidade de Gênero) apontam para esse fator como precipitante de uma perturbação do desenvolvimento que silenciosamente se gestava até então. A intenção da exposição foi fornecer uma perspectiva ampla do que hoje, frente aos repetidos fracassos das pesquisas e dos estudos genéticos dedicados a identificar o gene do transexualismo, do travestismo ou mesmo da homossexualidade, entendemos configurar relacionalmente a "verdadeira genética das gender disorders".

Seguiu-se a isso uma consideração detalhada do que acreditam apresentar-se como condição de possibilidade de uma estruturação subjetiva que se expressará sintomaticamente sob a forma de TIG, indicando de forma nominal as comorbidades mais comumente encontradas em tais condições clínicas, as quais implicam uma perturbação generalizada da vida social, escolar, emocional e familiar da criança. Ao ser encaminhada para tratamento psicanalítico, irá evidenciar, num momento do processo clínico, a essência psicótica dessa condição, sobretudo quando o self transvestido der lugar ao aparecimento das formas mais espontâneas (porém mais primitivas) do existir, que num primeiro momento poderão assumir a aparência dos fenômenos clínicos que costumamos encontrar nos estados francamente psicóticos da infância. Nesse momento, o manejo ambiental exigirá do analista experiência, consistência e competência para administrar o estado de regressão.

Na sequência, Graña e Ângela Piva detiveram-se nas recomendações relativas às formas mais efetivas de condução desses tratamentos psicanalíticos, questionando os fatores de ordem ética, técnica e de personalidade capazes de perturbar a ação clínica do psicanalista, além de considerarem as intercorrências e as vicissitudes da abordagem terapêutica da família nessas complexas situações.

No dia 20 de agosto, aconteceu a 3ª atividade desse ciclo: "Precisamos falar sobre a Clínica da Puberdade", com a participação dos psicanalistas Dra. Rovena Gazola Tavares e do Dr. Frederico Seewald, que compartilharam com os presentes seus conhecimentos e questionamentos sobre a puberdade. Foi levantada inicialmente por Frederico a diferença pro-

posta por P. Gutton, autor psicanalista, entre puberdade enquanto evento de transformação hormonal e física, e o puberal, que é a instalação psíquica da puberdade.

Os colegas abordaram a questão de que, na puberdade, além de ter que abandonar o corpo infantil, o púbere deve suportar a instalação do novo corpo, sendo que a mudança do estado psíquico não é concomitante. Essas duas operações, por serem divergentes, fazem da experiência puberal uma condição extremamente confusional e, portanto, de difícil metabolização. À medida que esse corpo púbere passar a ser investido por um psiquismo, o púbere conseguirá compreender e simbolizar. Frederico lançou questionamentos que muito aqueceram o debate. Alguns deles:

1°) a Puberdade tem um estatuto metapsicológico próprio?

2°) o "ficar" é um desenvolvimento puberal?

3°) com o puberal se descortina o desenvolvimento da vagina? 4°) na técnica do atendimento de púberes é fundamental levar-

mos em conta que "pico de desenvolvimento" não se interpreta!

5°) quais as especificidades do grupo puberal?

6°) existe uma amnésia puberal?

Os historiais clínicos referenciam-se no infantil e na adolescência, a puberdade "passa batida"! Rovena enfatizou que o púbere não quer ser encontrado exatamente como uma "porta fechada". Na puberdade é importante que continue o jogo, o lúdico dentro de um espaço transicional: o quarto, o grupo de iguais. Frederico marcou a ideia de que na puberdade ocorre o encontro com o real, há uma intrusão do real no imaginário, um corpo que passa a gritar e se torna imperativo. Rovena acrescentou que existem agentes constituintes da subjetividade que vêm da família, o melhor amigo, o grupo, as redes sociais, isso também entra de forma intrusiva como as mudanças físicas.

Enfatizaram que o que preocupa clinicamente é o púbere isolado que não tem o seu grupo de referência, a falta de mobilidade aponta para uma visão prognóstica reservada.

Depois de uma profícua discussão, do ponto técnico, concluiu-se que, como psicanalistas de púberes, não devemos esperar que eles nos falem de suas incertezas, inquietações e conflitos. Teremos, sim, que tolerar os tempos de silêncio e encontrarmos uma forma de nos comunicarmos com eles. Essas sínteses foram uma amostra da riqueza desses encontros que culminaram, no dia 22 de outubro, na abordagem do tema Desenvolvimento, Teoria e Técnica na Psicoterapia da Infância, tendo como convidada especial a Dra. Norma Escosteguy e como codebatedora a nossa colega Dra. Ane Marlise Port Rodrigues.

Esse é o momento de agradecer orgulhosamente a toda a Equipe NIA que, com muita competência, escolheu temas instigantes e que suscitaram em todos profundas reflexões e importantes depoimentos vivenciais.

Obrigada de coração a Aline Pinto, Astrid Ribeiro, Caroline Milmann e Fernanda Bortoli Fellipe pela parceria, carinho e dedicação ao Núcleo de Infância e Adolescência.

E aos demais colegas, nosso grande "muito obrigado" por terem prestigiado o NIA ao longo desse ano!

Mayra Lorenzoni Coordenadora

A criatividade

sob a ótica da psicanálise

A partir de questões elaboradas pela Comissão editorial, o psicanalista da SBPRJ, **Henrique Honigsztejn** fala sobre a criação artística, o núcleo rítmico e a influência da tecnologia no mundo contemporâneo, e analisa a interferência da psicanálise no fortalecimento da criatividade

Vou descrever o que entendo por núcleo rítmico usando e tornando minhas as palavras de dois poetas. Esses poetas, por terem o núcleo rítmico, acessam áreas mentais raramente alcançadas e percebidas. Vejamos: Fray Luiz de Leon, em sua "Ode a Francisco Salinas":

(...) luego envía Consonante respuesta, Y entre ambas a porfia Se mezcla una dulcísima armonia. Aquí el alma navega Por un mar de dulzura (...)

A "dulcísima armonia" dos versos desse poema expressa o ritmo estabelecido no "holding" que busco descrever, e deixemos falar um outro poeta, Worsdworth:

(...) In which, a Babe, by intercourse of touch I held mute dialogues with my Mother's heart. (...) (The Prelude – III)

Os poetas acima trazem, a meu ver, a sensorialidade do fluir de um holding que concebo como próprio do artista criador, e tomo como modelo deste uma descrição de Freud falando da mãe de Leonardo (no seu ensaio sobre este): "No seu amor por seu filho, a pobre mãe abandonada deu expansão a todas as memórias das carícias por ela recebidas, bem como ao seu anseio por outras, e ela foi forçada a isso não só para se compensar da falta do marido, mas também para compensar seu filho por não ter pai para protegê-lo". É isso que concebo: uma mãe em devoção amorosa a seu filho, não trazendo interrupções ao desenvolvimento que iria se processando com um mínimo

de quebras – a diferenciação acionada pelas frustrações seria retardada, estabelecendo-se, nesse período de nãodiferenciação o que chamo de núcleo rítmico. O núcleo rítmico é registrador na psique de um relacionamento bebê-mãe harmônico, no qual o ego que se forma é como que um regulador do id em suas manifestações. Lembrando Freud (O Ego e o Id). "O Ego é primeiramente um ego corporal; ele não é meramente uma superfície, mas, ele mesmo, a projeção de uma superfície". O mudo diálogo do holding, tocando e acordando todos os sentidos levaria a uma configuração do que seria "ouvido interno", "olho interno", etc... Freud várias vezes chamou ora ao ego, ora ao id, de reservatório da libido. Talvez um dos motivos dessa oscilação seja que, com a percepção que tinha da importância do primeiro relacionamento e seu grau de indiferenciação, ele tivesse a concepção de uma região ego-id indiferenciada de reservatório principal da libido por registrar a relação mãe-bebê. Essa área de harmonia interna, que deve fazer circular melodias como as que Mozart e Puccinni trouxeram ao mundo, custa um preço e evoco alguém que o deve ter experimentado: "A vida dos grandes homens é um caminho abandonado, pois eles se realizam exclusivamente para sua arte. A outra vida fica atrofiada, como um órgão do qual não se servirá mais" (Rilke a respeito de Rodin). Mais uma vez a palavra de Freud, ainda sobre Leonardo: "Pois a ternura de sua mãe foi fatal para ele; determinou seu destino e as privações que iria encontrar, e adiante: "...o quanto é lento alguém se desligar da infância se nos dias de sua infância ele gozou a mais alta bem-aventurança erótica, nunca mais

renovada". O criador vive a atração que Goethe expressou em sua obra final: "O Eterno Feminino nos atrai para si". Puccini, em sua última ópera, buscou criar o mais belo dueto de amor já composto. O câncer o consumiu e deixou sua obra incompleta. Esse dueto de amor seria, a meu ver, a homenagem à relação geradora de suas mais belas melodias – qual seria sua dor e a de outros criadores pela impossibilidade de tornarem clara para si e para os outros a melodia neles circulante? O sujeito não criador experimenta uma diferenciação sujeito-objeto bem marcada, apossando-se de seus talentos e qualidades inatas e exercendose no mundo ao seu modo, se teve a felicidade de encontrar uma mãe suficientemente boa. O "holding" do criador de algum modo o condena a criar, não o libera, a não ser para a criação e para o brincar. Shakespeare revela algo mais sobre o que escrevo:

"So they lov'd as Love in Twain Had the essence but in one: Two distincts division none; Number there in love was slain Single nature's double name Neither two no one was called

Não há dois, mas também não há uma indiferenciação – dois seres, divisão nenhuma. Uns vão pela vida como Goethe, Verdi, Freud, plenos e a plenos pulmões, cantando suas melodias; outros se integram pelo processo de criação, no qual, pelo contato do criador com seu meio de expressão, o ritmo do núcleo rítmico é acionado, e, após a obra, decaem. O que diferencia os primeiros dos segundos? Fator constitucional, a presença paterna como elemento estruturante, perturbações no processo

pós-estabelecimento do núcleo rítmico por frustrações e suas resultantes.

Pontos a destacar: ao fluir da pena quero destacar uns pontos da minha visão do processo criativo na arte e na ciência, e que é em poucas linhas o que desenvolvi num capítulo de meu livro "A Psicologia da Criação": O artista vai reviver na obra em evolução a mãe do "holding" e assim reviver a si. A obra se desenvolve a partir do núcleo rítmico articulado ao ego diferenciado, que, acompanhando o fluir do processo, está atento a qualquer perturbação. Na relação concreta com o meio-mãe pelo qual vai fazer surgir a obra, o artista revive a experiência sensual do "holding" e no embalo rítmico se reintegra. Proust é revelador: "(...) a recordação nos faz inspirar de repente um ar novo, precisamente por ser ar outrora respirado, o ar mais puro que os poetas tentaram em vão fazer reinar no Paraíso, e que não determinaria essa sensação profunda de renovação se já não houvesse sido respirado, pois os verdadeiros Paraísos são os que perdemos". E adiante:

"Mais que um som já ouvido, um odor outrora aspirado, os sejam de novo, tanto no presente como no passado, reais sem serem atuais, ideias sem serem abstratos, logo se libera a essência permanente das coisas, ordinariamente escondidas, e nosso verdadeiro eu que parecia morto por vezes, havia muito, desperta, anima-se ao receber o celeste alimento que lhe trazem". Vemos a concomitância do núcleo rítmico e do ego diferenciado, que serão as ferramentas pelas quais a resposta a uma pergunta que propõe como fixar a contemplação da essência das coisas torna-se realidade: "(...) era mister tentar interpretar as sensações como signos de outras tantas leis e ideias(...) fazer sair da penumbra o que sentira, convertê-la em seu equivalente espiritual. Ora, esse meio que se me afigurava o único, que era senão a feitura de uma obra d'arte" (Trechos de "O tempo redescoberto", último volume de "Em Busca do Tempo Perdido"). O trabalho analítico exige, a meu ver, um constante tornar-se. Penso no verso de Goethe: "morra e tornese" (do poema "Sagrado Anseio"). O analista deve morrer: para qualquer ameaça de conceitos se cristalizando, para visões preconcebidas, enfim, deve criar a condição definida por Freud da atenção flutuante poder estar presente no "setting". Eu procuro o mais possível apagar-me junto ao paciente, o que não implica mudez, para que este possa aos poucos criar as condições para o seu fluir. Pela experiência que um analista empático, afinado em seu tato proporciona ao paciente: a de sentir-se não só ouvido, mas participante de uma relação na qual percebe que está tocando um outro ser que, ao lhe responder, estimula uma resposta, levando a um desenrolar. Esse desenrolar leva ao que pode ser descrito como uma tecedura, que seria o playground a base do brincar, do gesto criativo. Citando Winnicott: "Confiança na mãe cria um play-ground intermediário aqui, (...) eu chamo isso de play ground porque o brincar se inicia aqui (Ilusão e valor da ilusão em 'Playing and Reality')." A meu ver, no mundo contemporâneo, as novas tecnologias não exigem especialmente dos psicanalistas abordagens mais criativas. Essas foram e continuarão a ser desenvolvidas independentemente dos avanços tecnológicos e suas derivações positivas e negativas. Psicanálise como investigação não se separa da psicanálise como terapia. Freud, em "A questão da análise leiga", diz: Na Psicanálise, desde o início, acontece uma aliança entre Curar e Investigar, o conhecimento traz o resultado, não se pode tratar sem experimentar algo novo, não se tem nenhum esclarecimento sem que seu benéfico efeito seja experimentado. Nosso procedimento analítico é o único, no qual esse precioso encontro permaneça preservado. As investigações em busca de vias de acesso aos chamados pacientes difíceis trouxeram curas e novas visões sobre o ser humano. Isso independe: de mudanças tecnológicas, das novas configurações da vida moderna e suas resultantes. O encontro humano na análise tem como motor a empatia, o tato, a condição do analista, usando

como Freud a definição de Leonardo sobre a escultura, de se a exercer por "via de levare" poder visualizar o ser humano oculto na pedra. Freud fala de algo que independe de quaisquer outros elementos, a não ser os que circulam no contato de duas pessoas no setting: "E isso exige muito talento, paciência, calma e autonegação" (em Questão de Análise Leiga). Freud criou, a partir de uma autonegação, paciência, empatia, a condição de ir criando uma técnica que o levou a novos aprofundamentos, uma técnica marcada pela possibilidade de um fluir: atenção flutuante e associação livre. O fluir possibilita, a meu ver, para muitos pacientes, a primeira experiência de emoções que lhe irão dando uma sensação de existir, e de existir ao lado de alguém que marcará internamente um referencial. Não será alguém vagando, soltando em desespero uma voz que se perderá num deserto.

Linhas finais:

O criador que exemplifico em Proust, revela algo do qual é portador aos ou-tros seres. Ele é movido por uma força narcísica pela qual afirma e homenageia a quem o revestiu de algo especial – a experiência da onipotência primária, originadora da confiança do fluir pela qual toca e harmoniza a quem encontra. Atualmente muitos pseudoartistas buscam criar meios que amplifiquem suas vozes desesperadas no deserto e criam "pseudo-obras", buscando causar um impacto e, assim, por momentos, experimentarem: existo!

Quero aqui citar, encerrando, o trecho final de um belo livro, "Psicanálise e Arte", de Myrna Cicely Couto Giron que fala do destino do artista (citando Edgar Morin):

"A dor do artista alimenta a beleza das obras que vão brilhar para seus admiradores.(...) 'o artista deve libertar o mundo da dor, mesmo não se libertando do seu próprio sofrimento (a obra de arte)' (...) põe a dor em destaque... dom sublime da arte: ...fazer-nos sentir a dor na sua plenitude, mas, simultaneamente, desfrutando de sua expressão".

O luto e a criação

A partir de Freud e precursores, a psicanalista retoma as relações entre luto e criatividade e sugere que novas formas podem advir de conteúdos perdidos.

Dra. Maria Cristina Melgar Associação Psicanalítica Argentina

Obras notáveis realizadas em tempos de luto descobrem a paradoxal presença da criatividade ali mesmo onde está se produzindo um apagamento doloroso. Das entranhas do luto, de suas obscuridades passionais, das dores da alma e do corpo, do efeito traumático da desligadura e de uma falta impossível de suturar, o ser avança no sentido da criação. Quando Freud chegou a esse ponto indecifrável, no qual o ego se torna aprisionado por sofrimentos torturantes, esse fato devolveu mistério à morte e o fez recorrer a uma palavra chave: enigmático. Hoje, ampliado o campo do enigma, as criações do luto iluminam paixões desconhecidas, que se agitaram no agora perdido. As identificações positivas e estruturantes, as lembranças absorventes e, agrego, a estetização das recordações são componentes inevitáveis do luto. Valeria a pena escutar as vozes que as pulsões vão emprestando ao fantasma, desde os mistérios de um final, aos mistérios da vida criativa.

PLATÃO.

Escreveu Jorge L. Borges que, depois da morte de Sócrates, Platão inventou o diálogo platônico para voltar a ouvir a voz de seu mestre. Extraordinária novidade do pensamento grego, essa criação literária de um psiquismo em luto faz notar que o passado não é um peso sem vida, mas um potencial para seguir produzindo o futuro. Platão

transborda os limites do objeto, descarta a fusão narcisista e internaliza uma relação em movimento. Assim seria a concepção de Borges, algo mais encarnado que mantém viva e erotizada uma relação dialogante interrompida pela morte e reencontrada na obra. A correção de uma realidade penosa por uma identificação capaz de transformar a busca do objeto em uma modificação do ser é uma descoberta memorável de Freud, um testemunho de que algo de natureza criativa ingressa na estrutura. "Luto e Melancolia" desnuda uma das tentativas de vencer a morte e abre o campo da criatividade psíquica ao jogo das pulsões de vida e de morte, que mais tarde se envolvem na cultura. Claro que a identificação positiva no luto não é um remendo para encobrir um vazio. O amor ao objeto, a recordação dos prazeres que deu, devolvem ao vazio a força de uma matriz primordial, de um sublimado silêncio. "O Réquiem", de Stevenson, transmite o júbilo de um luto aceito. Essa estranha transformação poética da dor de morrer nos faz recuperar as marcas de um passado enigmático, e o chamado de precoces prazeres do corpo se escuta na musicalidade dos versos.

Under the wilde and starry Sky Did the grave and let me lie: Glad did I live and gladly die, And I laid me down with a hill. PROUST.

As lembranças absorventes lançam a criatividade do luto aos domínios da memória. Vale recordar a riqueza semiótica do bolinho chamado *Madeleine* em "Em busca do tempo perdido". Depois de passar por mudanças na escolha palavra, de atravesrecordações e associações, de desarmar e reunir afetos e pensamentos, amores e ódios, depois da morte da mãe e de recuperar sensorialidades deliciosas, Proust encontrou a palavra exata para metaforizar semelhante densidade de sentidos na musical e saborosa Madeleine. A violência com que as recordações absorvem o ego aproxima cenas, imagens, sensações, emoções. O morto, aqui a mãe, se apossa da memória, e as lembranças disparam uma viagem irrefreável pela história, pelo fantasma e pela ausência. Uma certa nostalgia tenta construir com esses elementos algo que não soubemos paixões indecifráveis. Na poética *Madeleine*, da novela que marcou uma mudança na literatura, ferve o afã de encontrar, na matéria das recordações, a alma do que se perdeu.

ABRAMOVIC.

Dezoito anos após conhecer-se, a artista de performances Marina Abramovic e seu par na arte e na vida se separam. O fazem durante uma performance na Grande Muralha da China. Viagem, encontro e despedida. Para que dar investimento artístico a uma separação destinada a ser recordação? Qual é a função da estética quando se perde um objeto? Dar beleza à recordação forma parte da criatividade do luto, do esforço do ego para manter intensa a relação perdida. As paixões do corpo e da alma conservam seu enigma nos mistérios pulsantes do belo. Freud pensava que as lembranças têm uma chamativa perenidade. O investimento artístico da separação na Grande Muralha ilumina a função que cumpre a estetização da recordação: uma beleza guardiã da força pulsional que se mantém enigmática, dinâmica e arrebatadora nas belas recordações de nossas paixões. A estetização da lembrança durante o luto é um mecanismo artístico, talvez uma dessas "sublimações primitivas" da hipótese freudiana que se produzem no mesmo momento em que a excitação sexual inunda a economia psíquica. Quando a desligadura tortura e as recordações se apropriam da mente, a estetização responderá a esse tipo de sublimações? O que me parece notável nas performances de Abramovic é que o enigmático da recordação está na ação, e as repetidas interações estéticas o reabrem. A lembrança artística de uma despedida dolorosa se inclui nessa aventura contemporânea, esforçada por conquistar para a arte os enigmas da ação. Platão, Stevenson, Proust, Abramovic, em diferentes épocas e em diferentes artes, iluminam o território ainda obscuro da profunda e apaixonada relação entre os componentes clínicos do luto e da criação.

BIBLIOGRAFIA

Borges. J. L.: (2000) Artepoética. Ed. Crítica. Espasa, 2001.

Freud, S.: (1917[1915]) Duelo y Melancolía. Obras Completas, V. 14, Bs. As., Amorrortu, 1990.

Kristeva, J.: (1994) El tiempo sensible. Proust y la experiencia literaria. Bs. As., Eudeba, 2005.

Melgar, M. C.: (2007) Mourning and creativity. En On Freud's Mourning and Melancholia. Contemporary Freud. IPA, 2007, Karnak, 2009. London.

— : (2011) Las performances de Marina Abramovic. Congreso IPA, México.

"A estetização da lembrança durante o luto é um mecanismo artístico, talvez uma dessas 'sublimações primitivas' da hipótese freudiana..."

"Dar beleza
à recordação forma
parte da criatividade
do luto, do esforço do
ego para manter
intensa a relação
perdida."

O louco, o gênio Meus dois encontros com Bispo do Rosário

José Luiz F. Petrucci*

Notas sobre o encontro criativo, inédito e insólito entre um psicanalista e um artista

Arthur Bispo do Rosário é considerado pelos *experts* um artista de primeira grandeza. Autodidata, é muito conhecido internacionalmente, mas no Brasil pouca gente sabe sequer quem é, embora sua genialidade seja reconhecida nos grandes centros produtores e incentivadores das artes plásticas do mundo inteiro.

Bispo, como é mais conhecido, sergipano de nascimento (1909? 1911? - os registros são imprecisos), negro, ex-marinheiro, ex-campeão de boxe, ex-funcionário da Light, era psicótico, com diagnóstico de esquizofrenia paranoide, e por isso o conheci: passou boa parte de sua vida internado na Colônia Juliano Moreira, macro-hospital para pacientes crônicos do Ministério da Saúde, no Rio de Janeiro, hospital de que fui Diretor entre os anos de 1974 e 1976. Ali, onde ficou de 1938 e por vontade própria até a morte, em 1989, com alguns curtos períodos de alta hospitalar anteriores a 1960, se deu meu primeiro encontro com o Bispo.

Nos primeiros tempos após a minha posse como Diretor do hospital, eu, como a imensa maioria dos brasileiros, nunca tinha ouvido falar do artista, a não ser por breves referências quando fazia minha residência no Centro Psiquiátrico Pedro II, onde havia trabalhado Nize da Silveira, uma referência em arte e doença mental. (Cheguei a ler em alguns lugares que Bispo teria sido internado no CPP II. Para o bem da verdade histórica, devo dizer que nunca esteve lá; de seu prontuário, que tive em mãos, consta uma breve internação no antigo Hospício da Praia Vermelha, sendo logo transferido para a Colônia Juliano Moreira). Também dos médicos do hospital e de meus assessores mais imediatos nada ouvia sobre ele: foram funcionários como meu motorista que me fizeram saber de sua existência por ali. Um tanto sarcásticos pelo fato de ser um "louco", mas sem esconder o orgulho por tê-lo por perto, me perguntavam se eu "não conhecia o Bispo". E completavam: "É um artista, tem coisas que ele fez em exposições até da França!". Era verdade: Arthur Bispo do Rosário já era conhecido internacionalmente.

Meu primeiro encontro com ele se deu em circunstâncias dramáticas. Bispo, por determinação de um antigo Diretor, tinha um quarto exclusivo, onde trabalhava e guardava suas obras - o famoso Manto da Apresentação, pendurado acima da cabeceira da cama, e ai de quem nele sequer tocasse. Numa determinada manhã, aproveitando a hora do café dos pacientes, decidiu que deveria ter mais um quarto à sua disposição, e retirou todas as camas do quarto contíguo, pondo-as do lado de fora do prédio. Daí para frente, muitos problemas, inclusive porque o Bispo se recusava a permitir que recolocassem no lugar as camas que havia retirado. O argumento maior - o de que os outros pacientes não teriam onde dormir - não demoveu Bispo de seu projeto de ter mais espaço (hoje estou certo de que o merecia...). Queria porque queria falar com o Diretor. Tiveram que ceder. Fui comunicado do fato e concordei em conversar com ele. Foi levado à minha presença, mas meus argumentos não o convenceram. Tive de ser rígido com ele, dizendo que as camas teriam de ser recolocadas nos seus lugares. Ficou muito bravo, virou as costas sem mais nada me dizer, batendo a porta do gabinete com toda a força que ainda tinha. Mas eu havia conhecido Bispo pessoalmente. Daí em diante, o encontrei várias vezes pelo imenso espaço da Colônia Juliano Moreira, muitas delas catando material para seus trabalhos de escultura por todos os lugares, inclusive nas caixas de lixo. Não que não tivesse material à sua disposição, usava como desejasse o material da sala de praxiterapia, além de muitas doações que recebia, sobretudo de panos e linhas de costura. Mas essa procura que parecia aleatória por todos os lugares fazia parte de seu talento. Era com essas coisas, aparentemente inservíveis, que preferia criar.

Nesse primeiro encontro, então, eu conhecia muito pouco do gênio Arthur Bispo do Rosário. Por isso, e pelas circunstâncias que descrevi, conheci bem mais a arrogância do louco. Não foi assim na outra vez que me encontrei com ele.

O ano era o de 2002, e eu estava em Nova Iorque, menos de um ano após o ataque às torres gêmeas, uma insanidade que ao escrever, agora, me faz pensar: onde, em quem está a loucura? Em Bispo do Rosário, que passou quase a vida toda cerceado nos limites de uma instituição psiquiátrica, ou nós que estamos livres por aí para cometer uma loucura maior, como aquela? A loucura está em Bispo do Rosário? Estará nos autores do atentado? Ou estará em mim, isolado do mundo dentro de meu consultório naquela manhã de onze de setembro, sem saber que minha filha corria sério risco, insanidade me invadindo violentamente quando soube, já uma hora da tarde, que Nova Iorque, onde ela vivia e estudava, estava sendo bombardeada? "Ataque nuclear?", foi a primeira coisa que pensei. Terror absoluto. Nesse ano dois eventos brasileiros ocorriam ali: no Lincoln Center, no Teatro do Metropolitan Opera House, minha filha Donatella, brasileira, recebia seu diploma de Mestre em Direito Internacional pela Fordhan University, razão de minha presença, como de outros membros da família, na *Big Apple*; e, vários quarteirões mais para o Norte, do outro lado do Central Park, Guggenheim Museum, acontecia a mostra Brazil, body and soul: muitas coisas do Brasil ocupavam quase todo o espaço do Museu.

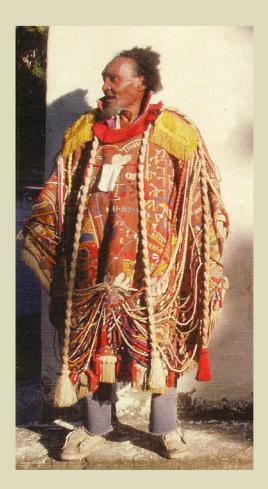
O clima era de grande tensão ali no local da cerimônia de formatura, em função do recente desastre, e por isso, para viver as emoções da formatura de minha filha, foi necessário permanecer com a senha fornecida pelos órgãos de segurança na mão, como todos os outros convidados, em uma extensa fila para que fôssemos todos submetidos à minuciosa revista. Afinal, além dos trinta mestrandos, os índices sempre superlativos de Nova Iorque se faziam presentes: também recebiam diploma de advogado perto de mil formandos da Universidade. Mestrandos e formandos ocupavam toda a plateia. Para os convidados, sobravam apenas as frisas, os camarotes e as galerias. O número de convidados era muito grande, e a todo o momento passava por nós um dos muitos policiais à paisana que vigiavam a todos e a tudo. Mas tudo isso foi amplamente compensado ao ouvir o nome de minha filha ser pronunciado naquele ambiente quase sagrado. Ali é a casa da Orquestra Filarmônica de Nova Iorque.

Num outro dia, fomos todos ver a mostra do Guggenheim. Logo na entrada já nos impressionamos: naquele *hall*, de um imenso pé-direito que sobe até a claraboia no topo do prédio, vários andares acima, haviam montado um enorme altar barroco, setecentista, lindamente esculpido em madeira, com muitos detalhes em ouro, trazido por empréstimo de uma igreja brasileira. As paredes de todo o hall tinham sido pintadas de cinza escuro, criando uma impressão de penumbra e recolhimento de uma igreja. No entorno, na subida pela rampa em espiral, todos os nichos eram ocupados por coisas do Brasil: obras de arte, fotos, maquetes de obras de arquitetura, obras de fino artesanato de várias regiões brasileiras, fotos e obras de artesanato de grupos indígenas, enfim, o corpo e a alma do Brasil. Ao chegarmos no topo da rampa, ao se abrir à nossa frente a última e mais alta sala do museu, tive meu segundo e inesperado encontro com Arthur Bispo do Rosário: a sala era integralmente dedicada a ele. Num primeiro momento, minha surpresa: embora tivesse já sabido da cada vez maior fama internacional do artista, não fazia ideia que Bispo havia alcançado um lugar tão alto no mundo das artes. Uma sala só para ele no Guggenheim, em Nova Iorque. É, de fato, um lugar impressionantemente alto. Depois da surpresa, a emoção, uma experiência estética de uma intensidade que lembro ter tido poucas vezes na minha vida. Ora, era aquele louco arrogante que um dia tinha ficado com raiva de mim! E ali estava eu, com boa parte de minha família, quase em êxtase com aquela inesperada visão. Ali estavam várias dezenas de obras dele, suas esculturas moldadas em peças de material inservível, suas faixas bordadas com frases ingênuas, e lá no fundo sua obra prima: o Manto da Apresentação. Num impulso, como se estivesse falando comigo mesmo, comecei a contar a história do Bispo para a minha admirada família, que até aquele momento não sabia da

relação que tive com ele. Detive-me especialmente diante do Manto da Anunciação, contando a versão do próprio Bispo, ouvida lá na Colônia Juliano Moreira, do que significava para ele aquele manto. Sim, porque já havia lido em vários lugares versões diferentes, mas essa era a que ele contava: que vestiria aquele manto no dia de sua morte, e com ele subiria aos céus levado por Nossa Senhora, que desceria à Terra para buscá-lo.

Hoje, a Colônia Juliano Moreira está desativada. Em seu interior, foi criado o Museu Arthur Bispo do Rosário. Morre o hospício, nasce o museu. Morre o louco, nasce o gênio.

* Psicanalista e secretário da SBPdePA.



Ainda há muito para decifrar

O psicanalista Júlio Campos reflete sobre as pontes da criatividade e propõe uma aproximação entre os processos criativos analítico e artístico.

*Júlio Campos

Meu envolvimento com os temas da criatividade começou no início da década de 90. Suponho que se deveu a uma paulatina conscientização da ideia de que não existem diferenças mais marcadas entre a criatividade artística e a criatividade psicanalítica. Ou seja, a forma como um pintor constrói dentro de si a interpretação da realidade que redundará em um quadro é, para mim, em muito semelhante à forma como um psicanalista constrói a sua interpretação. Comecei, então, a me perguntar como eu poderia confirmar essa hipótese, já que não era difícil de comprovar a ausência de estudos mais profundos em ambos os âmbitos: poucos trabalhos sobre a criação artística e praticamente nenhum sistemático sobre a criatividade psicanalítica, cometendo aqui certa injustiça com Kohut e Bion. O que se encontrava (e hoje não é diferente) era um sem-número de escritos sobre a interpretação psicanalítica que sempre me produziam a impressão de uma descrição pormenorizada da sala de jantar e das regras de etiqueta à mesa, mas com pouca descrição sobre a cozinha, as receitas e os ingredientes para as comidas. Ou seja, aprendia-se a comer, mas não a preparar os pratos.

Convidei então um grupo de colegas, a quem sempre expresso toda a minha gratidão nesse árduo (mas sempre instigante) caminho. Partíamos do princípio de que, se estudássemos a vida e a obra de reconhecidos e imortalizados criadores da humanidade, estaríamos mais próximos de entender como haviam ocorrido seus processos de criação e as origens de suas genialidades. E assim foi. Estudamos 16 gênios de várias áreas da arte e da ciência, inclusive o próprio Freud. Vincent van Gogh foi o primeiro e nos consumiu quase três anos. Nesse andamento foi pos-

sível apreender muito mais do que imaginava com incursões em alguns temas fundamentais da psicologia da inteligência, do estudo comparado entre os seres humanos e as outras espécies animais, da inteligência artificial, da neurociência, bordeando até os mistérios da física quântica e dos fractais. Além de tudo isso, esse estudo nos proporcionou o acesso ao desconhecido universo dos grupos de formadores de opinião dentro da teoria psicanalítica, tanto em congressos internacionais (Barcelona, Nice, Buenos Aires e Rio de Janeiro) como nos cinco encontros da IPA em Florença sobre criatividade e arte, dos quais participamos, como grupo, em todos.

A comprovação e o entendimento de porque a teoria psicanalítica carece de uma profunda e convincente explicação sobre a criatividade humana foi um dos principais ganhos dessa trajetória. A metapsicologia freudiana está especialmente voltada e aparelhada para explicar, com detalhe e profundidade, os meandros da psicopatologia humana. Mas não consegue explicar a genialidade. Prova disto temos no infeliz (para a criatividade) artigo de Freud sobre Leonardo da Vinci (1910), onde ele conclui, equivocadamente, que a incomensurável força criativa e insaciável curiosidade do incontestável gênio provinha de sua libido sexual não satisfeita, já que, como homossexual, seus desejos não podiam ter livre vazão pelas proibições sociais da época. Por sua teoria, qualquer pessoa que não tivesse vida sexual ativa seria um criador. Repetiu seus raciocínios de privilegiar a psicopatologia no colérico artigo sobre Dostoievski, de 1928. Essa forma de pensar inaugurou uma seara, a dita "Psicanálise Aplicada", que nada mais é do que procurar a patologia dentro das biografias dos grandes homens da humanidade.

Conseguimos encontrar algumas respostas fora da psicanálise com os autores que estudaram o fenômeno da complexidade, como Edgar Morin e o Nobel da física quântica Murray Gell-Mann. Este, por exemplo, partindo de constatações como a de que os sintomas de uma neurose obsessiva, por exemplo, são exatamente iguais em todas as partes do mundo (um compulsivo chinês lava as mãos exatamente como um ocidental), criou a teoria das "bacias de atração", definindo os sintomas de qualquer tipo como simplificações da natureza e as criatividades como seu oposto, como complexizações. Isso significa que, para descrever uma enfermidade, suas origens e consequências, bastaria, na maioria da vezes, uma página. Mas, para descrever com o mesmo nível de detalhe uma única criatividade, seria necessário um capítulo inteiro.

Assim penso que estamos caminhando, em psicanálise, na fase da compreensão das enfermidades indo em direção a uma estrutura teórica que nos permitirá um novo patamar que sonho em chamar de "metapsicologia das virtudes humanas".

*Psicanalista, diretor do Instituto de Psicanálise da SBPdePA

Foto: Alexandre Simas

Porto Alegre: uma capital com jeito de interior

Começamos pela chamada Zona Sul, o que muitos moradores consideram como uma Porto Alegre diferente e em pleno desenvolvimento comercial e de entretenimento com o charme especial do Guaíba como a orla de Ipanema, os vários clubes náuticos espalhados pela região que estreitam ainda mais os laços com o rio e seus afluentes. Aliás, para aqueles que quiserem ainda existe o tradicional Cisne Branco, que sai direto do Cais do Porto. Mais recentemente a zona sul ganhou um dos maiores shoppings da cidade, assim como o estilizado Museu Iberê Camargo que com suas aberturas laterais em vidro postam o mais autêntico cartão postal da cidade.

De lá, vamos diretamente para o singular Bom Fim. É uma delícia descobrir sua gastronomia judaica ou alternativa como o conhecido Ocidente situado em plena Osvaldo Aranha, esquina João Telles ou ainda seus cafés, confeitarias, sebos e feiras de rua sensacionais onde se encontram desde produtos orgânicos até artesanatos e obras de arte. Vale muito conferir o Brique da Redenção aos domingos em torno do consagrado parque da Redenção. Se você gostar de pastel de feira vá até a feirinha da Vasco aos sábados a partir das 15h e faça um verdadeiro lanche da tarde. Sim, os feirantes oferecem provas de todas as suas mercadorias, sente no café/padaria em um dos endereços mais parisiense da cidade na esquina da Vasco com a João Telles e voilà! Já o centro vale um passeio ao en-

tardecer com as luzes se acendendo. Claro, atenção, muita atenção, mas vai valer a pena. Inicie pela prefeitura velha e aprecie a fonte espanhola. Depois, entre no Mercado e se delicie com a gastronomia de um dos endereços mais tradicionais, o Gambrinus. Além disso, as bancas especializadas apresentam um show entre pescados, frios de excelente qualidade, frutas, verduras entre milhares de outros artigos.

De lá, dê uma circulada pela praça XV

e, se já almoçou, tome um café no Chalé, restaurado e revitalizado ou jante por lá. Saia caminhando e vá em direção à histórica Praça da Alfândega, que abriga os belos prédios do MARGS e do Memorial do Rio Grande do Sul. Sente e observe os prédios em torno, a riqueza de sua arquitetura e aprecie os frequentadores e

os passantes de uma das praças mais bonitas da cidade; será uma verdadeira experiência emocional! Siga em direção a Casa de Cultura Mário Quintana, antigo Hotel Majestic, onde nosso ilustre poeta morou por anos, visite suas exposições e informese de qual filme está em cartaz em um dos cinemas mais cults da metrópole. Siga e encontre a belíssima Igreja das Dores. Respire fundo porque sua escadaria e imponência são de tirar o fôlego, principalmente se for depois do sol se pôr. Mais adiante teremos o Gasômetro e todo o esplendor do Guaíba. Aqui não esqueça do chimarrão!

Temos também a imponente Praça da Matriz, com seus quatro poderes, a Biblioteca Pública e o sóbrio Teatro São Pedro, sem esquecer do fantástico monumento a Júlio de Castilhos no centro da praça. Caminhe pela Duque, procure o Museu Júlio de Castilhos ou o Solar dos Câmara, volte um pouco no tempo, observe as construções e imagine a elite gaúcha de décadas atrás. Inspire-se no Palácio Piratini, depois siga pela Duque e não deixe de prestar atenção ao Viaduto da Borges. Continue pela Independência e caia diretamente no charmoso Moinhos de Vento. Delicie-se com sua sofisticação, a alta gastronomia e a badalação. Descubra a Padre Chagas,



Parque Farroupilha: mais conhecido como Redenção

a Hilário Ribeiro, a Dinarte, a Calçada da Fama, a Tobias da Silva. Admire o União, um celeiro de esportistas em suas variadas modalidades, caminhe pela Santo Ignácio e vá até o Ricaldone. Exercite-se no simpático Parcão. Entretanto, não esqueça que não é só de luxo que vive uma cidade, e pergunte por andam os estudantes descolados e vá direto para a singular Cidade Baixa. Esqueça o relógio e se perca entre dezenas de bares, pubs, danceterias e casas de shows, como o conhecido Opinião. Pela Cidade Baixa circulam muita gente e muita música ao vivo. Se andar por lá, não esqueça de dar uma passadinha na João Alfredo (procurar por suas casinhas coloridas). E de lá terminamos nosso tour pela Zona Norte da cidade, que vem crescendo e conquistando cada vez mais os porto alegrenses com o tradicional Lindóia, shoppings enormes materiais de construção, móveis, revendas de automóveis e condomínios. Porto Alegre é assim, uma capital com aquele jeitinho do interior. Se quiser fazer parte disso tudo confortavelmente sentado, procure o citytour que sai do Largo da Epatur, um autêntico ônibus londrino! Divirta-se!!!

* Rodrigo Boettcher

Retrospectiva

Foram muitas as atividades realizadas durante a gestão de 2010/2011, presidida por Gley Costa. Encontros, debates, reuniões que contaram com a participação de muitos associados e da comunidade. A comissão editorial aproveita esta edição para fazer o registro de alguns desses eventos.

Em junho de 2010, além da atividade do Cinefórum com o filme *Mil anos de orações*, ocorreu o encontro *A Brasileira na Cultura* que discutiu *O poder impotente: a impunidade.*





Em agosto, o NIA realizou um dos seus encontros mensais, debatendo o tema: *Precisamos falar sobre o bullying.*

Em novembro, no Lançamento da Revista Psicanálise vol.12, nº 2, o psicanalista Victor Guerra fez uma teleconferência.



Ainda em novembro de 2010, a Sociedade promoveu o I Encontro Brasileiro de Estudos sobre a Obra de Sigmund Freud, com a participação de diversos nomes importantes da psicanálise, como Leopold Nosek e Plínio Montagna.





Abram Eksteman foi um dos convidados para o evento que discutiu conceitos, provocou debates, congregando diferentes Sociedades de várias partes do país, pensando e repensando a obra de Freud.

Em abril de 2011, além das Assembleias Gerais para discutir a mudança do estatuto e a aquisição da sede própria, ocorreu a atividade Psicanálise à Brasileira, "A Clínica do Narcisismo", que em setembro voltou para discutir "A clínica da Histeria".



Em mais de uma oportunidade, psicanalistas de outros estados e países foram convidados a apresentar suas ideias *on line* - a tecnologia a serviço do aprofundamento das discussões. Um exemplo disso foi a teleconferência com o psicanalista Luis Kancyper, na ocasião do lançamento da Revista vol. 13, nº1.

Entre o passado e o futuro: uma gestão



Da esquerda para a direita: Caroline Milman, Helena Surreaux, José Ricardo Pinto de Abreu, Gley Silva de Pacheco Costa, José Luiz Freda Petrucci, Heloísa Helena Poester Fetter e Marco Aurélio Crespo Albuquerque

Em 2010, quando começava o trabalho da atual Diretoria, eleita no final do ano anterior, brindavam-se no mundo inteiro os 100 anos da IPA. Essa conquista foi comemorada em nossa Sociedade com a realização do I Encontro Brasileiro de Estudos sobre a Obra de Sigmund Freud, com a participação de psicanalistas de todas as entidades psicanalíticas brasileiras e o prestígio da FEBRAPSI, FEPAL e IPA. A partir desse momento, os psicanalistas e a própria IPA passaram a se questionar a respeito dos próximos 100 anos da psicanálise. Esse questionamento nos levou a eleger o tema da IX Jornada da Brasileira: *O Futuro da Psicanálise* – evento que contará com a participação de psicanalistas de Brasil, Uruguai, Argentina e França, a realizar-se dias 25 e 26 de novembro de 2011, encerrando as atividades da nossa gestão.

Entre esses dois acontecimentos, com os quais procuramos marcar o início e o término das nossas ações, mantivemos as tradicionais programações Psicanalise à Brasileira, Brasileira na Cultura, Brasileira na Comunidade, Cinefórum, Ciclo de Debates do NIA e as reuniões clínicas do CAP, num total de 48 encontros ao longo de dois anos. Especial destaque, pela profundidade da discussão, mereceram as mesas redondas sobre a clínica do narcisismo, do desvalimento, das fobias, das obsessões e da histeria. O início de uma nova turma do Curso de Pós-Graduação de Psicanálise e Educação, mediante convênio com a UniRitter, configurou mais um êxito da Sociedade nesse período.

Neste biênio, enfrentamos a exaustiva tarefa de revisar e atualizar o estatuto da Sociedade, vigente desde a sua fundação, obtendo sua aprovação final em Assembleia Geral, realizada em 06 de outubro de 2011. Além disso, instituímos o Fundo para a Construção da Sede Própria, elegemos a Comissão Permanente de Administração do Fundo e iniciamos as negociações para a construção do prédio. Tão importantes quanto essas iniciativas foram as criações do Café da Manhã dos Fundadores e da Reunião Ge-

ral da SBPdePA, com agenda igualmente aberta a membros e candidatos, visando à integração da Sociedade. Aliás, a integração foi o valor mais almejado por essa Diretoria, tanto em seu funcionamento interno quanto em suas relações com a IPA, FEPAL e FEBRAPSI, com as demais sociedades psicanalíticas ligadas à IPA e com as entidades Psi de Porto Alegre, com as quais se encontra programado um Encontro-Almoço durante a IX Jornada da Brasileira. Duas atividades internacionais ficaram agendadas para 2012: Lacan na IPA, em parceria com as sociedades psicanalíticas do Uruguai e da Argentina filiadas à IPA, e Franco Borgogno, no Brasil, em parceria com a Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto, a Sociedade Psicanalítica de Pelotas e a Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro.

Por certo, trabalhar lado a lado em um clima de grande harmonia, colaboração e afetividade com os colegas da Diretoria – Petrucci, Abreu, Marco, Heloísa, Helena e Caroline – consistiu em uma experiência de particular riqueza, pois não imaginava que poderia liderar um grupo cujas capacidades na maioria das vezes se mostraram acima das minhas.

Mais do que tudo, aprendi nessa gestão que a principal missão de um dirigente é construir pontes, entre as quais, a mais importante – que dá permanência, sentido e movimento à vida – é a que liga o passado ao futuro.

Sou reconhecido pelo cuidadoso e qualificado trabalho desenvolvido pelas comissões editoriais da Revista Psicanálise e do Jornal da Brasileira e sou grato a todos os colegas e a todos os funcionários da Sociedade pelo apoio, pela tolerância e pela amizade que nesses dois anos me proporcionaram. Não me esquecerei.

Gley P. Costa, Fundador da SBPdePA e Presidente nos períodos 2000/2001 e 2009/2011. Também foi Diretor do Instituto e ocupou vários cargos de Diretoria.